

FRONTEIRA COM A VENEZUELA

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

COMISSÃO BRASILEIRA DEMARCADORA DE LIMITES —

1ª DIVISÃO

O ano, recém-findo, de 1965 marcou para a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1ª Divisão uma feliz e grata recompensa ao denodado empenho com que atende a seus serviços de árduo e penoso cumprimento, na fronteira com a Venezuela.

Realmente, no desenvolvimento dos trabalhos de exploração em que, por duas sucessivas campanhas demarcatórias, vinha concentrando suas atividades, nessa fronteira, ao longo das remificações da serra separadora das vertentes dos rios Cauaburi (Brasil) e Bária (Venezuela), no extremo Oeste do encadeamento por que se distende a Cordilheira Parima, pôde a Comissão consignar, ante o exato e rigoroso seguimento por que, ali, se define o traçado da linha divisória, a presença, na região, das duas maiores altitudes do Brasil.

Confirmou, assim, o que, dois anos antes, verificara, em reconhecimento aéreo, com relação ao "Pico da Neblina", comprovando sua situação em território brasileiro e positivando-lhe a condição de seu mais alto ponto.

Testemunhou, de igual modo, a existência em imediata proximidade desse ponto, de um outro pico, legítima baliza da própria linha de limites e que, por ela cortada, passou a constituir, na parcela, de altaneiro porte, com que se integra em solo brasileiro, a segunda de suas maiores altitudes. Considerada a data em que foi alcançado, coincidente com a do primeiro aniversário da Revolução Brasileira, recebeu o aludido pico a designação de "31 de março".

Muito se sente honrada a Comissão por poder dar registro a essa feliz oportunidade de contribuição para a geografia nacional, havida a par do desempenho de seus correntes encargos funcionais, em razão do que lhe foi facultado atuar na região em que os acima mencionados picos se situam e aos quais pôde, em primeira escalada, alcançar.

Efetivamente, coubera à Comissão, por decorrência de tarefa acordada entre ela e sua congênera venezuelana, prosseguir, na campanha técnica de 1964-1965, a exploração do "divortium-aquarum" Cauaburi-Bária, a partir do último ponto atingido, na campanha anterior, a Leste do Cêro Cupi.

Objetivava, com isto, promover o reconhecimento topográfico que conduzisse à exata materialização, no terreno, da linha divisória, levada, assim, pela implantação de novos marcos, ao encontro da demarcação já ultimada, em sentido contrário, até a Serra Imere.

Cabia, ademais, em complemento de missão, determinar a exata posição do Pico da Neblina e a respectiva altitude, a fim de pôr termo a dúvidas ou suposições que se tivessem, antes, suscitado.

Organizou-se, em conseqüência, uma expedição provida dos indispensáveis recursos materiais e de eficiente contingente humano, seguramente habilitado ao exercício do mister.

Iniciou essa expedição seu deslocamento a 30 de novembro de 1964, com a partida de Belém, no Aviso "Comandante Braz de Aguiar", de um escalão-base, que se fêz reforçado, quatro dias após, em Óbidos, pela agregação da lancha "Solimões", do batelão "Mello Nunes" e do adequado número de trabalhadores, e, três dias mais tarde, em Manaus, pela incorporação da lancha "Cuiari", cinco batelões movidos a motor "Godile", dezesseis canoas e, ainda, do pessoal julgado necessário para completar as equipes de especialistas e de trabalhadores. Alcançava, assim, a expedição um total de 25 embarcações e 65 servidores de diferentes categorias funcionais.

A 9 de dezembro, deixava Manaus, viajando pelo rio Negro e atingindo, a 18, Tapuruquara, de onde regressaram, por escassez da profundidade de água para os correspondentes caladôs, o Aviso "Comandante Braz de Aguiar" e a lancha "Solimões".

A 21 de dezembro, penetrou a expedição no rio Cauaburi, chegando, no mesmo dia, à cachoeirado Caranguejo, abaixo da qual foi promovido o necessário desmatamento para instalações, ali, de um acampamento destinado à estação coletora do serviço de radiocomunicações e um ancoradouro para as embarcações que não pudessem ultrapassar a cachoeira.

Com as embarcações compatíveis, ante as condições de difícil navegabilidade imposta pelo rio, vencendo-o, apesar dos embaraços, sempre crescentes, que se apresentavam, entrava a expedição a 1º de janeiro de 1965 no canal "Maturacá, onde constituiu, junto à Missão Salesiana ali existente, seu acampamento-base, na proximidade da foz do canal no Rio Cauaburi.

Desde então, passaram a atuar as turmas de exploração, enviadas no rumo do divisor-fronteira, a que buscavam, através da selva

densa, por desbordamento de inúmeros obstáculos, sujeitas à constante impraticabilidade de ásperos aclives, no âmbito, de obrigatória pesquisa de acesso, dos vales dos rios Ariabu e Tucano.

As infrutíferas tentativas de escalada, na procura dos plausíveis itinerários de penetração, correspondia assídua renovação do material desgastado, desdobrando-se, ao mesmo tempo, as atenções para a recuperação das energias físicas, rudemente experimentadas e, não raro, vencidas, ante os múltiplos aspectos da bravia agressividade local.

Diminuídos, assim, a pouco e pouco, nos recursos de que dispunham, mas, firmemente, intocados no ânimo que os conduzia e que os revigorava de sempre renovada resistência, lograram os expedicionários, remontar, por final, com uma de suas turmas, as íngremes escarpas de que promanam as vertentes do rio Ariabu e, desde aí, confirmar o seguimento, para leste do último marco erguido na campanha anterior, do divisor de águas Cauaburi-Bária.

Corriá, então, o mês de fevereiro, durante o qual construíram-se novos marcos nesse divisor e o reconhecimento, por sobre o revolto perfil que o representa, se estendeu para além do Pico Cardona, assim denominado pelos dirigentes de uma expedição do Jardim Botânico de Nova York, levada a efeito, na Venezuela, há alguns anos, com propósito atinente ao interesse científico do Órgão que a promovera.

As operações técnico-geográficas de exploração continuaram pelo mês de março, sobrepondo-se a todos os óbices que lhes embaraçavam a realização e culminaram, no final do mês, com a indiscutível afirmação do traçado, meticulosamente reconhecido, da linha de limite correspondente ao trecho em demarcação, consoante desenvolvimento de expressão muito significativa, pois:

a) confirma à posição do "Pico da Neblina", inconfundivelmente, em território brasileiro, a 687 metros ao sul daquela linha, em espigão que dela se destaca e do qual emerge com 3.014 metros sobre o nível do mar, na legítima representação de maior altitude do país;

b) inclui, igualmente, em território brasileiro, considerável porção de imponente crista, sobre que transcorre a linha divisória em situação que, não só, a faz incorporar-se ao lado do Brasil como, ainda mais, lhe outorga a condição de tornar-se a segunda de suas maiores altitudes, com 2.992 metros sobre o nível do mar.

Esse acidente, tal como já ficou referido, recebeu o nome de "Pico 31 de março" e corresponde ao que, sob o nome de "Phelps", fôra considerado pela atrás citada expedição do Jardim Botânico de

tidas, rudes condições de penetração do terreno sôbre que se impunha conduzi-las.

Tudo se fazia, de fato, difícil à penetração. Nenhum dos roteiros por que se procurasse marcá-la deixava de ser hostil, fôsse ao longo dos leitos, ora vertiginosos, por vêzes escassos, a miúdo encachoeirados, dos rios, fôsse por junto aos alcantilados pendores das sucessivas escarpas a galgar. E quando, afinal, vencidos os tropeços, foi o tôpo da serrania atingido, ainda aí perdurou a tirânica influência de pertinazes fatores de desconforto.

A mata cerrada e asfíxiante das encostas, de enervante presença de embaraços, ameaçadora tocaia de perigos e molesta incidência de múltiplos agentes de desassossêgo, sobrevieram, na cumeada, deslocadoras imposições de desabrigo.

O solo rochoso, recoberto de tênue camada de terra inconsistente e úmida, em que apenas vingava revestimento de rasteira vegetação, não oferecia, por certo, de si mesmo, favoráveis condições à normal instalação dos acampamentos. A inexistência de árvores, que pudessem assegurar proteção às barracas, apoio à suspensão das rédes de dormida e lenha para o necessário funcionamento das cozinhas, constituía empecilho de tão fastidioso quanto pesado efeito.

Para removê-lo, em quanto se o pudesse conseguir, havia que dormir ao rés-do-chão, em pequenos toldos armados, sôbre frágil suporte de alumínio, à feição do resguardo a buscar, atrás de pedras de dimensões adequadas ou no recesso de caprichosos desvãos, para que, assim, se fugisse ao ímpeto maior do vento, cortante e frio, que tudo fustigava em rajadas de indomada violência. O abastecimento do lume dos fogões levava a longinquas distâncias, na procura do elemento conveniente, obrigado ao transporte de pesadas porções às costas dos trabalhadores, em terreno, sempre encorregadio, de dobrado relêvo.

A tudo se sobrepunha, mantida sob o desencorajadora inclemência de baixíssima temperatura, que de pouco subia para além de 0°, a constância, quase ininterrupta, da neblina, densa, envolvente, penetrante, reduzindo, angustiosamente, a extensão das vistas, incapacitando, em consequência, as observações de ordem técnica, exasperando a paciência nas demoradas esperas de recomposição de tempo favorável às operações de serviço. Esse, não raro, sobrevinha, tão só, após o forte despejar de arrasadoras chuvas que, em sua irreprimível sanha de tormenta, completavam o quadro de desalento, roubando tranqüillidade ao repouso e a recuperação dos desgastes provindos das sofridas fadigas do trabalho.

Quando, pois, ao correr do mês de abril, pela intensa freqüência dessas chuvas, mais severos e graves se evidenciaram os óbices para

tidas, rudes condições de penetração do terreno sôbre que se impunha conduzi-las.

Tudo se fazia, de fato, difícil à penetração. Nenhum dos roteiros por que se procurasse marcá-la deixava de ser hostil, fôsse ao longo dos leitos, ora vertiginosos, por vêzes escassos, a miúdo encachoeirados, dos rios, fôsse por junto aos alcantilados pendores das sucessivas escarpas a galgar. E quando, afinal, vencidos os tropeços, foi o tôpo da serrania atingido, ainda aí perdurou a tírânica influência de pertinazes fatores de desconforto.

A mata cerrada e asfixiante das encostas, de enervante presença de embaraços, ameaçadora tocaia de perigos e molesta incidência de múltiplos agentes de desassossêgo, sobrevieram, na cumeeada, deslocadoras imposições de desabrigo.

O solo rochoso, recoberto de tênue camada de terra inconsistente e úmida, em que apenas vingava revestimento de rasteira vegetação, não oferecia, por certo, de si mesmo, favoráveis condições à normal instalação dos acampamentos. A inexistência de árvores, que pudessem assegurar proteção às barracas, apoio à suspensão das rédes de dormida e lenha para o necessário funcionamento das cozinhas, constituía empecilho de tão fastidioso quanto pesado efeito.

Para removê-lo, em quanto se o pudesse conseguir, havia que dormir ao rés-do-chão, em pequenos toldos armados, sôbre frágil suporte de alumínio, à feição do resguardo a buscar, atrás de pedras de dimensões adequadas ou no recesso de caprichosos desvãos, para que, assim, se fugisse ao impecto maior do vento, cortante e frio, que tudo fustigava em rajadas de indomada violência. O abastecimento do lume dos fogões levava a longinquas distâncias, na procura do elemento conveniente, obrigado ao transporte de pesadas porções às costas dos trabalhadores, em terreno, sempre encorregadio, de dobrado relêvo.

A tudo se sobrepunha, mantida sob o desencorajadora inclemência de baixíssima temperatura, que de pouco subia para além de 0°, a constância, quase ininterrupta, da neblina, densa, envolvente, penetrante, reduzindo, angustiosamente, a extensão das vistas, incapacitando, em conseqüência, as observações de ordem técnica, exasperando a paciência nas demoradas esperas de recomposição de tempo favorável às operações de serviço. Esse, não raro, sobrevinha, tão só, após o forte despejar de arrasadoras chuvas que, em sua irreprimível sanha de tormenta, completavam o quadro de desalento, roubando tranqüilidade ao repouso e a recuperação dos desgastes provindos das sofridas fadigas do trabalho.

Quando, pois, ao correr do mês de abril, pela intensa freqüência dessas chuvas, mais severos e graves se evidenciaram os óbices para

desempenho do serviço, duramente tolhido de progresso em todos os seus âmbitos de ação, tornou-se inevitável a retirada da Comissão do cenário de campanha em que agia.

O cômputo de resultados que, até então, conquistara se alinhava em registro de animadora consideração:

- confirmara o exato prosseguimento, em superposição ao "divortium-aquarum" Cauaburi-Bária, da demarcação que, conduzida do Salto Huá ao Cêrro Cupi, daí se deve orientar, no sentido geral de Leste, ao encontro da Serra Imeri;
- realizara, no referido setor, tôdas as operações técnico-geográficas que se fizeram de valimento ao rigor de traçado da linha que se buscava;
- implantara, para que bem assinalada ficasse a dita linha, novos marcos em número compatível com o correspondente desenvolvimento;
- cumprira, para tanto, extenso e exaustivo programa de explorações de amplitude e de reconhecimentos locais, completado por determinações astronômicas que se tiveram como necessárias e por levantamentos topográficos, de apropriada intercorrência nos labores do gênero.

As posições dos marcos que, em decorrência, foram erguidos, em forma e dimensões obedientes ao Acôrdo, a respeito, vigente entre as Comissões Brasileira e Venezuelana, que integram a Comissão Mista, cabem as seguintes expressões de coordenadas geográficas e de altitudes:

Marco BB-1:

- Latitude: $0^{\circ} 44, 52''$. 1 N.
- Longitude: $66^{\circ} 08' 30''$. 6 W. Gw.
- Altitude: 1.338 m.

Marco BB-2:

- Latitude: $0^{\circ} 45' 40''$. 9 N.
- Longitude: $66^{\circ} 05' 08''$ 3. W. Gw.
- Altitude: 1.632 m.

Marco BB-3:

- Latitude: $0^{\circ} 48' 26''$.0 N.
- Longitude: $66^{\circ} 03' 56''$ 1. W. Gw.
- Altitude: 1.858 m.

Marco BB-4:

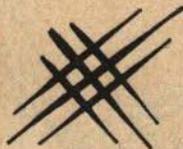
- Latitude: $0^{\circ} 48' 27'' 0$. N.
- Longitude: $65^{\circ} 59' 57''$. 2 W. Gw.
- Altitude: 2.371 m.

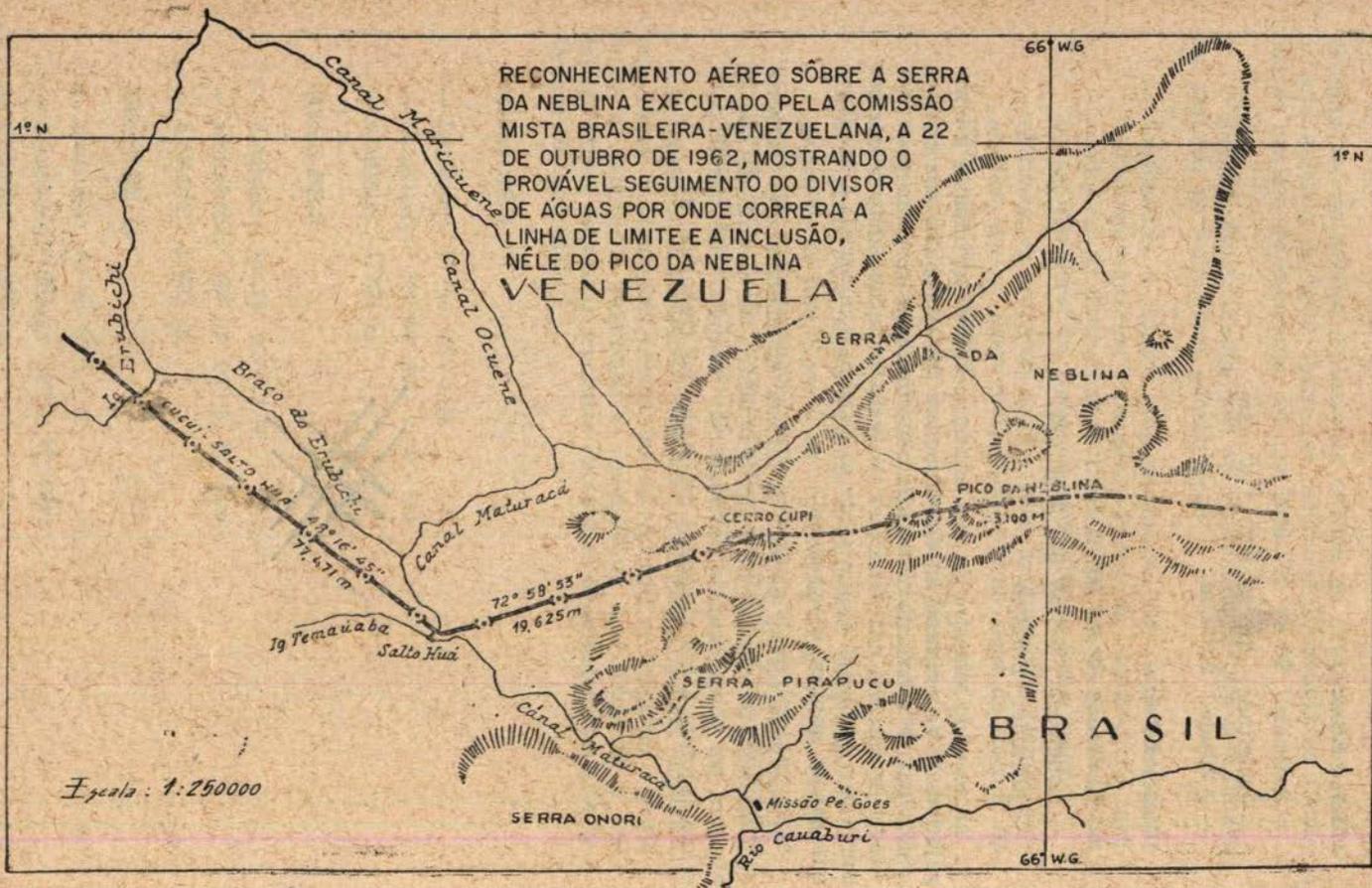
Marco BB-5:

- Latitude: $0^{\circ} 48' 50''$.7 N.
- Longitude: $65^{\circ} 58' 00''$.7 W. Gw.
- Altitude: 2.344 m.

Ao segundo semestre do ano estaria, certamente, imposta a obrigatoriedade de prossecução dos trabalhos interrompidos por contingência que se afirmava tanto pelo aspecto climático como pelo inevitável decréscimo das condições de resistência, abaladas pelo rigor com que o ambiente atuara sôbre os elementos materiais e humanos que davam impulso à expedição.

Irredutíveis foram, porém, os fatores de impedimento da volta da Comissão, no decurso do próprio semestre, ao cenário de que se afastara por força daquela contingência. Transferia-se, assim, para o ano seguinte a indispensável retomada dos trabalhos, ali.





A SERRA DA NEBLINA PERANTE ANTERIORES TRABALHOS DE DEMARCAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

